

Artigo Original

ARTETERAPIA: A MUDANÇA DO OLHAR EM EDUCAÇÃO⁴

Luciana Haddad Ferreira⁵

Millena Cristina Bonomi⁶

Resumo

O presente artigo tem como objetivo tecer reflexões acerca da possibilidade da contribuição da Arteterapia para a prática educativa. Mais do que enriquecer o repertório técnico em Arte, além de subsidiar teoricamente as ações docentes com base na psicologia, a vivência em Arteterapia proporciona mudança na forma de olhar para a Educação, permitindo que os sujeitos do processo educativo percebam-se e entendam o mundo de maneira mais sensível e integradora. Na visão das autoras, a dinâmica dos ateliês livres de criação revela-se importante ferramenta de construção de significados para a realidade, de autopercepção e de promoção da saúde em Educação.

Palavras-chave: Educação pela Arte; Arteterapia; Ateliê livre

Abstract

The present article aims at weaving reflections concerning the possibility of contribution of Art Therapy for the educational practice. More than adding to the technical repertoire in Art, apart from subsidizing theoretically the teaching actions on the basis of psychology,

⁴ Este texto foi escrito após participação das autoras em mesa redonda com o tema: “Arteterapia em Educação” no I Simpósio de Arteterapia da Universidade São Marcos em outubro de 2006, onde apresentaram conferência com o mesmo tema.

⁵ Aluna do programa de mestrado em Educação da Unicamp, especialista em Arteterapia pela Universidade São Marcos; especialista em Educação pela Universidade São Leopoldo Mandic com extensão e aprofundamento no Instituto Jean Piaget (Portugal). Pedagoga graduada pela Unicamp; Membro do grupo de estudos e pesquisa em educação continuada – GEPEC/Unicamp. Docente do curso de graduação em Pedagogia, atua como arte educadora e professora de Educação Básica há 12 anos. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0247458923893398>. E-mail: nana_hadd@yahoo.com.br

⁶ Especialista em Arteterapia pela Universidade São Marcos; Pedagoga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUC-Campinas; Arte-Educadora, Assistente de Coordenação do Colégio Rio Branco Campinas. Atuou como professora de Educação Básica durante 10 anos. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0948947861215581>. E-mail: millenabonomi@hotmail.com

the experience in Art Therapy provides change in the way of viewing Education, allowing the subjects in the education process to be perceived and to understand the world in a more sensible and integrated way. According to the authors, the dynamics of the free spaces of creation proves to be an important tool for the construction of meanings for reality, self-perception and promotion of health in Education.

Keywords: Education for Art; Art Therapy; Free Spaces.

Pintar é um estrondoso choque de mundos opostos predestinados a criar juntos, na luta e a partir dela, um novo mundo que se chama obra.
(Kandinsky)

Propomo-nos a discutir, neste artigo, a contribuição dos ateliês livres e das práticas terapêuticas expressivas para o processo educativo dos sujeitos, em especial em escolas regulares de Educação Básica. Justificamos tal recorte por perceber, em nossa própria trajetória como professoras de Educação Básica, a necessidade de contemplar a sala de aula, e as relações que nela se estabelecem, através de outro olhar. Assim, ao mesmo tempo em que este trabalho busca discutir a pertinência desta prática com grupos escolares, narra a trajetória de nossa construção pessoal de significados acerca da Educação, da Arte e da Psicologia. Trata-se de uma análise sensível que busca, além da verificação de resultados inerentes ao processo de formação vivido, compartilhar a riqueza do processo de tornar-se arteterapeuta.

Para melhor compreender o caminho percorrido, faz-se necessário saber de onde partimos e quais eram as concepções que guiavam nosso trabalho pedagógico antes de iniciarmos a jornada em Arteterapia. Como acreditamos que só palavras não bastam para exprimir coisas que nos tocam profundamente, já que “As palavras são um ‘resumo fragmentado’ do nosso sentir constante. Elas procuram sempre tomar este sentir e simbolizá-lo. Buscam significá-lo e exprimi-lo” (DUARTE JR., 1988, p. 40), optamos por compor nossas ideias com expressões poéticas, recursos que possam talvez oferecer

outras possibilidades de significação para as palavras aqui registradas, que possam completar / ampliar os sentidos do texto.

Convergências

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz
(Almir Sater)

Desde o início de nossas atividades como educadoras houve a preocupação de caracterizar a Arte como uma forma de expressão e construção do conhecimento, consciente e inconsciente, que permite a percepção inteira das coisas e dos sentimentos, através da articulação entre razão e emoção.

Dentre muitos outros pensadores da Educação, Paulo Freire (1983) sempre gerou forte influência em nossa formação acadêmica. Ao fundamentar sua visão, reafirma a importância de considerarmos o indivíduo como ser dotado de capacidades e atuante no meio em que vive:

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente das relações que é (p. 39).

Pedagogas por formação, a Arte se integrava em nossa trajetória ora como movimento expressivo pessoal, ora como recurso didático em nossas salas de aula. Faziam-se presentes, na prática cotidiana, momentos de vivência expressiva, e em

nossas reflexões percebíamos a necessidade de compreender quais pressupostos teóricos respondiam aos nossos anseios como educadoras. Assim, iniciamos leituras e atividades de formação em Arte Educação. A possibilidade de perceber a Arte na escola dentro de uma proposta crítico-reflexiva, que valoriza os conhecimentos prévios dos alunos e que garante espaço para a criação, tal qual defendem Brittain e Lowenfeld (1977) revelou-nos um “novo mundo” de possibilidades, que faziam com que questionássemos com maior propriedade propostas educativas ainda bastante recorrentes em alguns espaços, nas quais se concebe o ensino da Arte como desarticulado dos demais saberes escolares, limitando as propostas a atividades decorativas, técnicas ou exógenas ao sujeito, onde cabe ao aluno apenas seguir comandos já definidos. Nesses casos, o espaço da Arte é restrito a um momento semanal, onde as crianças exercitam atividades que pouco favorecem a expressividade. Esta não é a concepção de trabalhos plásticos que iremos adotar neste estudo. Falaremos aqui dos muitos educadores que voltam cada vez mais seus olhares para as formas de linguagem não convencionais como a música, as artes da cena, multimeios e artes plásticas, que enxergam nelas um espaço de crescimento pessoal e de sensibilização do indivíduo. Afirmamos então nossa crença na Arte-processo, na valorização do gesto expressivo, do criar livremente, pois ao propor momentos livres, podíamos observar que temas ou técnicas eram trazidas ou iniciadas muitas vezes pelas próprias crianças:

Não é necessário saber o que acontecerá em seguida ao desencadeamento de uma atividade. Esta é a particularidade do ateliê no contexto escolar. Não há preocupação com o produto final, mas sim com a realização, com a liberdade de criar e de trabalhar com as diferentes possibilidades (FERREIRA e BONOMI, 2010, p. 108).

Em nossa concepção, educar não se restringe a transferir conhecimentos prontos e acabados. Refere-se ao ato de criar possibilidades para a construção de conhecimentos

que tenham significado para o sujeito. Educar é formar, levar a uma boa forma, valorizando o indivíduo como um ser integral, portador de pensamentos e sentimentos únicos. Sendo assim, é necessário estimular o desenvolvimento de múltiplas capacidades dos alunos, que vão muito além do conhecimento sistematizado, pois incluem as capacidades reflexivas e intuitivas, além do olhar sensível e encantado para a realidade que o cerca.

Para Paulo Freire (1983), a educação só tem significado se estiver conectada com as necessidades reais dos membros envolvidos no processo, e chama de “ensino bancário” aquele que se preocupa apenas em transferir conhecimentos, sem considerar as aspirações do sujeito. Assim, a educação só faz sentido se esta lhe trazer algo que o permita compreender melhor e de forma mais crítica a si próprio e à sua cultura. A consequência deste processo é um ser sensível e consciente, capaz de apropriar-se dos conceitos e conteúdos escolares.

Transformar o mundo através do seu trabalho, dizer o mundo, expressá-lo e expressar-se é próprio dos seres humanos. A educação qualquer que seja o nível em que se vê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade (p. 24).

Mesmo antes de entender sobre Arteterapia, muitas ideias e conceitos convergiam com os desta proposta. Isto é possível uma vez que os princípios norteadores em Arteterapia, assim como em Arte Educação, trazem o sujeito como ser atuante no processo, e colocam suas necessidades como parte importante da dinâmica. Além deste, há outros pontos de convergência entre as duas práticas, agora observados por nós:

- Não há interesse na produção artística formal (estereotipada e valorizada pela crítica em Arte) e, sim, na possibilidade de ocorrência do gesto criador. Este movimento deve proporcionar ao sujeito vivências de experiências singulares, levando-o a perceber que pode apropriar-se do conhecimento e ressignificar

sua relação com o mundo a partir de sua espontaneidade e capacidade criadora.

- Prezam pela expressividade dos sujeitos, colocando a percepção sensória dos objetos e a consciência dos sentidos como necessidade primeira do trabalho desenvolvido. As propostas desenvolvidas só fazem sentido se fizerem ecoar questões subjetivas e de movimento livre entre o pensar e o sentir.
- Entendem Arte como forma de expressão não verbal, onde privilegia-se o conhecimento das coisas mesmas através da experiência e da percepção sensória da realidade. Somente após apropriar-se é possível dar sentido e atribuir significado a algo, através das possibilidades da linguagem.
- Percebem na Arte uma forma de manifestação cultural e social da humanidade, de forma que em cada produção evidencia-se não só o gesto criador daquele momento e daquele indivíduo, mas todos os seus conhecimentos prévios, sua história pessoal, as experiências historicamente construídas e a herança cultural manifestada.

Além da necessidade vinda da postura de professor-pesquisador, enquanto indivíduo, havia em nós o desejo de buscar algo novo, de conhecer a si próprio mais profundamente, visando alcançar o nosso próprio centro, nosso equilíbrio. Entendendo que a Arte é facilitadora de tais processos e que Arteterapia preocupa-se com a dimensão terapêutica das formas expressivas, voltamos nossos estudos para esta área.

A especificidade

Na vida, o que aprendemos mesmo é a sempre fazer maiores perguntas.
(Guimarães Rosa)

A prática nos fez perceber que uma das muitas facetas do ofício de ser professor é a de elaborar perguntas: questionar sua própria conduta, repensar suas estratégias e

refletir sobre sua formação devem ser um movimento cotidiano. Nestas rotineiras inquietações, percebemos que algumas de nossas questões apontavam para um mesmo caminho, o da Arteterapia.

Enquanto abordagem terapêutica, a Arteterapia se funda em saberes oriundos dos campos da Psicologia, da Filosofia e da Arte. Do ponto de vista da Psicologia respalda-se principalmente nas linhas terapêuticas humanistas (embora também observadas práticas bem sucedidas em terapia psicanalítica, por exemplo), as quais consideram o homem como ser em construção, detentor de liberdade e poder de escolha sobre sua forma de estar no mundo. Assim, acreditam que o indivíduo é possuidor de capacidade de autorrealização que o conduz ao desenvolvimento criativo e saudável.

Como pressuposto filosófico, percebe-se maior convergência com a concepção de Arteterapia, aqui apresentada, os conceitos de homem, natureza e de relação tais quais são apresentados pela fenomenologia, onde o foco de estudo está na consciência dos sujeitos na sua relação com o mundo. Pressupõe estar aberto às possibilidades e ao que poderá ocorrer na relação entre as pessoas e o meio. Dentre os estudiosos de maior representatividade desta corrente está Merleau Ponty, pesquisador que abordou em sua obra, com profundidade, a questão da relação entre os sujeitos, colocando as formas de expressão num enfoque fenomenológico. Ele nomeia como "fala autêntica" o movimento criador em que o pensamento está sendo formulado pela primeira vez. Chama de "expressão segunda" a fala que repete o que já foi ouvido, pensado, lido através de formas sistematizadas de linguagem, onde a consciência opera.

Em Arteterapia somam-se às concepções acima apresentadas o trabalho com os chamados mediadores de expressão (artes visuais, cênicas, dança, música, jogos, atividades lúdicas simbólicas, histórias, recursos multimeios), que caracterizam a abordagem terapêutica ao permitir que o indivíduo expresse o seu Eu interior de forma não-verbal, recobrando o uso da fala autêntica. Também possibilita expressar

sentimentos, emoções e desejos através de imagens e símbolos. Assim sendo, por meio das diferentes expressões artísticas, o indivíduo é incentivado a participar de um processo de criação e leitura da sua obra, tocando impreterivelmente pontos significativos e/ou conflitivos da sua vida, com a intenção de reorganizar e equilibrar os mesmos. Tendo esta nova compreensão sobre si, toda a realidade também passa a ser compreendida de maneira diferente.

A Arte pode ser vista, em Arteterapia, como produção criativa e significativa do indivíduo, com a qual este se relaciona intimamente, sem preocupações com estereótipos ou padrões. “E esse ‘belo’ só pode ser medido na escala da grandeza e da necessidade interior da alma. É belo o que é belo interiormente” (KANDINSKI, 1996, p. 128). Além do próprio processo de realização do fazer artístico ser considerado terapêutico, outro fator que legitima a Arte como terapia é a capacidade que esta tem de desenvolvimento do potencial criativo do indivíduo. Segundo Ciornai (2004), os processos de criação artísticos têm um potencial curativo e estruturador, considerando-se que criatividade e saúde estão relacionadas na condição humana. Desse modo, possibilita ao sujeito não só a liberdade de expressão, mas também sustenta a autonomia criativa, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo e proporcionando o seu desenvolvimento tanto emocional como social. Por conseguinte, é essencial à vida da pessoa.

Arteterapia na educação

Falar de Arteterapia em Educação é proposta audaciosa que merece cuidado e seriedade em sua defesa, pois exige do profissional responsabilidade e coerência com os princípios norteadores de ambas as áreas. Por acreditar na potencialidade transformadora do trabalho docente e no caráter crítico-reflexivo do professor, defendemos que a sua mediação dentro dos espaços educativos favorece a prática da Arteterapia e desencadeia processos restauradores nos sujeitos do trabalho. É uma proposta que agrega mudança

de olhar não só do aluno para sua própria condição, mas que altera as relações dentro da escola e ressignifica a constituição da figura do professor.

Concebemos ser função do professor perceber aquilo que as crianças não conseguem expressar verbalmente e estimular que o façam através de outros recursos. Assim, o educador deve ter a preocupação de garantir no tempo e no espaço da sala de aula momentos de criação e expressão livre, onde se evidencie a concepção de Arte como forma de exprimir sentimentos, ideias e desejos. O trabalho pedagógico frente às descobertas criativas dos alunos é o de incentivar, questionar e possibilitar novas experiências. Por isso, é preciso auxiliá-los a refletir sobre a melhor forma de realizar diferentes ações, sem com isso limitar seu desejo de experimentar e imaginar coisas novas. É preciso possibilitar momentos em que o sujeito vivencie todas as formas de expressão, tendo liberdade e condição de fazer uso dela através da oralidade (seja falada ou cantada), dos movimentos ou das imagens...

Os trabalhos plásticos na Educação Básica devem, em nossa concepção, permear o trabalho pedagógico durante o ano inteiro, sendo mais uma forma de produzir o conhecimento acerca de diferentes temas discutidos em sala de aula. A produção plástica deve estar intimamente ligada à expressão, podendo ser um importante recurso para trazer à tona os conhecimentos e emoções do indivíduo. Levando em consideração que um trabalho artístico implica na percepção do mundo através dos sentidos, constitui uma forma de conhecimento tão importante quanto a linguagem lógico-científica:

Quem não esteve envolvido no processo criador de uma maneira tão intensa, que foi capaz de sentir que o seu único desejo seria de acabar aquele único e precioso produto e então poderia morrer? Eu penso que cada um de nós que tenha estado envolvido tão profundamente em criar tenha tido uma vez ou outra esse sentimento, o desejo de contemplação, porque isto me parece muito importante (LOWENFELD, 1958).

Tal possibilidade é observada, entretanto, quando as condições de realização das atividades mostram-se favoráveis a tal prática. Nada haveria de diferente ou especial em

propor ateliês de Arteterapia dentro de um ambiente escolar se apenas transpuséssemos o espaço clínico para dentro da escola, mantendo os pressupostos e rituais de um trabalho característico de outro espaço. Além de todas as questões pertinentes ao próprio trabalho pedagógico, o contexto escolar, que já carrega em si próprio uma grande carga de fatores onde a Arteterapia poderia mostrar-se eficiente, também se torna cada vez mais interessante para o desenvolvimento desta vertente. Não só por estar diretamente ligada à vida social e familiar dos indivíduos, mas também por trazer para dentro de sua realidade muitas questões que extravasam os problemas de aprendizagem ou as dificuldades cognitivas que algumas crianças possam vir a ter. Destacamos, neste sentido, algumas características do espaço escolar que potencializam o trabalho terapêutico e favorecem o trabalho em Arteterapia:

1. Trabalha-se na escola com a ideia do ser em sua condição plena, na forma em que este é capaz de transformar a realidade que o rodeia. É espaço onde acontece o cuidado pelo viver saudável, e não de busca pela cura da doença.
2. A proposta do trabalho arteterapêutico em Educação privilegia a diversidade da convivência em grupo e, ao mesmo tempo, desperta as características singulares do sujeito. Mais que pensar na utilização de técnicas expressivas em terapia, a própria realização do processo criativo através da Arte e o convívio com o grupo já se constitui em terapia.
3. A escola é um espaço fundamental na construção da identidade do indivíduo, pois atua de maneira importante na formação de valores e princípios que irão nortear a vida de seus alunos. Contudo, este espaço só se torna legítimo se fornecer aos indivíduos a oportunidade de conhecer e utilizar verdadeiramente diferentes recursos expressivos, permitindo o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico.

4. É local de vivência comum, palco de inúmeros conflitos e diversas relações, onde diferentes personalidades interagem o tempo todo garantindo uma multiplicidade de interações sociais. Torna oportuna a convivência democrática entre sujeitos de diferentes realidades, onde os indivíduos necessitam agir de forma a ajustar-se criativamente às situações que são colocadas.
5. Já existe uma relação de confiança estabelecida entre o sujeito, a família e a escola, o que favorece a colaboração de todos os envolvidos no processo terapêutico e também gera, em grande parte das vezes, maior confiança em resultados positivos da proposta.
6. É mais um dos espaços onde modelos de atitudes e conduta são oferecidos e apropriados, caracterizando a forma como os indivíduos lidarão com as relações, se são amistosas, íntimas, de dominação, de conflito, e tantas outras que o espaço educacional proporciona, como também se as ações são de paz ou de violência, de saúde ou de doenças, de autonomia ou heteronomia.

Também observamos que a Arteterapia em Educação gera transformações não só para os alunos envolvidos no projeto, mas também possibilita ao educador, que se dispõe a este trabalho, uma sensibilidade maior ao olhar para muitas coisas. Permite que o professor perceba, através desta nova perspectiva, as inúmeras formas expressivas e entenda o indivíduo de forma mais sensível e humana. É também no todo de cada profissional que as raízes de uma postura ética se formam e podem frutificar numa atitude que facilite o crescimento, a autonomia e a solidariedade entre as pessoas no ambiente educativo.

A dinâmica dos ateliês livres

Dentre as possibilidades de trabalho com Arteterapia no contexto escolar, destacamos aqui a dinâmica dos ateliês livres. Nesta proposta, o arteterapeuta

acompanha a livre produção dos alunos em um espaço onde há grande multiplicidade de materiais. Cada indivíduo elabora suas poéticas pessoais e cria seu trajeto de formação na medida em que se apropria dos recursos disponíveis. Cabe ao profissional, nesta proposta, estimular os processos criativos do grupo, registrar as escolhas e caminhos seguidos, buscando proporcionar momentos de reflexão e fruição estética a partir da criação.

A consciência da Arte, como manifestação tipicamente humana e como forma pura de expressão, é muito importante para o desenvolvimento do trabalho arteterapêutico em Educação, pois lidamos com a possibilidade da criação espontânea do indivíduo. O objetivo do trabalho terapêutico, neste sentido, mais do que oferecer recursos variados de expressão, é permitir que o indivíduo manifeste seus conflitos interiores e reelabore sua relação com/no mundo. Sendo assim, pouco importa a diversidade de técnicas e materiais disponíveis, se não houver um olhar cuidadoso do profissional para que estes sejam utilizados de forma terapêutica.

O ateliê livre tem por objetivo o não planejamento prévio das atividades. A intenção é de que qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, sirva como motivo para criação artística. Os temas são escolhidos pelos próprios sujeitos, a partir de elementos do seu cotidiano: a mudança de estação, a temperatura, um material que foi encontrado, um cheiro, uma novidade, uma história...

Se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico, que damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo (HOLM, 2003, p.09).

No ateliê livre, trabalhamos acreditando no potencial criador, no sentimento de liberdade, irracionalidade, naturalidade. O importante neste espaço é garantir que todos participem, se envolvam, descubram, explorem e façam parte do processo. No aspecto físico, as propostas mobilizam questões ligadas à estruturação e coordenação motora. No

emocional, despertam sentimentos e emoções primitivas, para que possam ser conhecidas e elaboradas.

Por isso, é preciso aprender a exercitar e perceber as diferenças sutis e caminhar do indefinido para o definido, do nebuloso para clareza, com a ousadia de quem rompe um olhar para se vivenciar, experimentar, sentir. Os indivíduos são beneficiados por:

1. Ter possibilidade de contato com materiais e técnicas expressivas que neles suscitam emoções singulares. Diversos estudos em Arteterapia demonstram como a propedêutica dos materiais pode contribuir para a melhor percepção de si mesmo e também mobilizar sentimentos específicos.
2. Pela troca e convivência com outros sujeitos também em processo de encontro e descoberta, onde as questões levantadas e pontuadas por um acrescentam e geram reflexão também nos demais.
3. Contar com o olhar atento e diferenciado do arteterapeuta, que será capaz de compreender as dificuldades ou questões emergentes de uma perspectiva outra, que somada à visão do educador e da comunidade podem contribuir para trazer uma compreensão mais completa dos sujeitos e para a tomada de consciência de dimensões do contexto pedagógico até então não percebidas.

Dentro desta perspectiva, o ateliê livre se configura como um caminho através do qual cada indivíduo pode encontrar possibilidades de expressão para processar, elaborar e redimensionar suas dificuldades. É aceitar o processo que cada um percorre de forma diferente, pois o percurso criativo não corresponde simplesmente a uma sequência de trabalhos.

Possibilitar espaço para a criação é confirmar o papel que a Arte ocupa em uma prática educativa que respeita as diferenças, as escolhas pessoais, o tempo que cada um precisa para se descobrir em suas criações, seus interesses e sensibilidades. Então, para

atuar com ateliês livres em Educação, é preciso respeitar as necessidades dos membros do grupo e saber que em alguns momentos se exigirá lidar com o imprevisível.

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional. (...) O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais (BRASIL, 1998 p. 85).

Assim, o Ateliê livre permite que os pressupostos da Arteterapia sejam amplamente explorados dentro do espaço educativo institucional, desenvolvendo as habilidades e a afetividade com totalidade.

Ana Marie Hölm diz que “para se criar é indispensável ter liberdade” (2005, p.15). O termo “ateliê livre”, neste sentido, refere-se à liberdade que os membros precisam ter de explorar as técnicas e materiais que lhes pareçam mais importantes dentro de seu percurso. Cabe ao arteterapeuta construir um repertório de modalidades expressivas e materiais que contemplem as diferentes demandas do grupo, porém sem desprezar a necessidade de estipular coletivamente regras de organização, estabelecer encaminhamentos práticos sobre a rotina do dia, delimitar usos e espaços para alguns tipos de recursos, definir formas de boa convivência, etc. Para tanto, é necessário que o profissional tenha flexibilidade e ao mesmo tempo saiba ponderar se a proposta trazida pelos elementos do grupo é adequada e atende às necessidades de cada indivíduo.

Data de recebimento: 13 de Novembro de 2010.

Data da primeira revisão: 26 de Março de 2011.

Data de aceite: 31 de Outubro de 2011.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para Educação Infantil – conhecimento de mundo.

Brasília: MEC, 1998.

BRITAIN, W. L. e LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1977.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica**. São Paulo: Summus, 2004.

DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papyrus, 1988.

FERREIRA, L. H. e BONOMI, M. C. Grupos na Educação: experiências no Ensino Infantil e Fundamental. Em SEI, M. B. & GONÇALVES, T. F. **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOLM, A. M. **Fazer e pensar em Arte**. São Paulo: MAM, 2005.

KANDINSKY, W. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOWENFELD, V. Entrevista autobiográfica concedida à Universidade de Miami em Oxford, Ohio (EUA) em 1958. Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/marca/lowenfeld.htm>. Acesso em 28/02/2011.

Bibliografia Consultada

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e Educação / Arteterapia e Saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PAÏN, S. e JARREAU, G. **Teoria e Técnica da Arte-terapia – a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.